



A micro-história e o *Kitsch*: possibilidades de análise

Marinilse Marina¹

Resumo: o presente estudo explora as possibilidades de análise de monumentos e réplicas no contexto específico da imigração italiana no Rio Grande do Sul levando em consideração os métodos da micro-história italiana e os pressupostos da arquitetura *Kitsch*. Verificamos como o estudo minucioso de aspectos historiográficos, proporcionado por um olhar detalhado, favorece a percepção da amplitude complexa deste contexto, desde novos entendimentos sobre a imigração no estado até a importância do *Kitsch* em um cenário de reconstrução de uma suposta identidade itala.

Palavras-chave: Micro-História; Kitsch; Imigração Italiana.

Microhistory and Kitsch: possibilities for analysis

Abstract: this paper aims to demonstrate the possibilities of studies from a new perspective. Addressing the historiographic method of Italian microhistory and the use of Kitsch architecture in the specific context of Italian immigration in Rio Grande do Sul. We intend to approach how the detailed study of several historiographic aspects provided by a detailed look can have a complex amplitude, since new perceptions about immigration in the state to the importance of Kitsch replicas for understanding a particular reconstruction of a supposed Italian identity.

Keywords: Microhistory; Kitsch; Italian Immigration.

Introdução

No estado do Rio Grande do Sul, principalmente na região da serra gaúcha, cujas terras foram colonizadas majoritariamente por imigrantes europeus, encontra-se ao longo de gerações a reconstrução de uma espécie de identidade italiana. Em nossa análise, trataremos dessa imigração e da suposta manutenção de uma italianidade observadas, em específico, na parte mais meridional do Brasil. Abordaremos ainda os fatores que impulsionaram a saída de milhares de imigrantes com destino à América Latina. Também observaremos que as representações da italianidade, cuja função é a busca pela perpetuação de um imaginário imigrante, misturam questões arquitetônicas de construções europeias por meio de monumentos e de réplicas e forjam, muitas vezes, uma história diferente daquela realmente trazida ao país pelos italianos.

Inúmeros trabalhos se dedicaram a investigar a colonização italiana no Rio Grande do Sul, os feitos dos imigrantes e a narrativa de êxito da epopeia colonizatória. Entretanto, temas como regionalismo, sentimento de pertencimento e complexos contextos econômicos foram deixados à mercê do abandono na historiografia tradicional, que trata de forma generalizada determinados conceitos da emigração italiana para o Brasil. Há um movimento de pesquisa cujo enfoque está centrado principalmente em temas voltados

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade de Passo Fundo (UPF) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs). marinilsemarina@gmail.com

para a emigração/imigração, que vem dando ênfase para análises mais minuciosas de determinados grupos, principalmente de alemães e italianos. Esta linha da historiografia nasceu na Itália e vem ganhando força em diversos estudos na América Latina, englobando diferentes olhares sobre as narrativas da imigração através da abordagem da micro-história.

A pesquisa exaustiva das fontes, principal característica da micro-história, permite a abertura de diversas novas oportunidades de análises que passavam despercebidas ao olhar mais totalizante. Por muitos anos os assuntos que tratavam sobre imigração e colonização foram direcionados para a racionalidade de que os imigrantes obtiveram êxito e prosperidade em diversas esferas econômicas e sociais no Rio Grande do Sul, colocados em “um mesmo balaio” de trajetórias na Europa e vitórias no Brasil. Mas a partir da perspectiva historiográfica da micro-história estão sendo evidenciados diversos pontos que não condizem com as pesquisas iniciais realizadas no Rio Grande do Sul, principalmente sobre o contexto socioeconômico dos imigrantes italianos. Questões como regionalismos, disputas de território, complexidade fronteiriça, hábitos, particularidades, ofícios, idiomas e dialetos, além de interesses distintos na emigração para a América, são alguns pontos que estão sendo revistos e analisados de forma cuidadosa pelos pesquisadores que seguem a racionalidade da micro-história, pois percebeu-se que as inúmeras particularidades do território de partida geraram contrastes e até conflitos entre alguns grupos no Rio Grande do Sul.

Dessa forma, costumes, práticas, disputas e hábitos foram trazidos de um local recém-unificado e não foram de imediato esquecidos, mas com o passar do tempo e diversos investimentos, principalmente governamentais, os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul fizeram e ainda fazem parte da reconstrução de uma identidade do *talian*². Esse termo é utilizado para identificar os descendentes dos patriarcas das famílias imigrantes no Sul do país, é uma mistura daquilo que é considerado herança genética e imaterial da Itália com costumes e hábitos adaptados no Brasil.

Interessa-nos mostrar que através de estudos mais específicos é possível desvendar incoerências de reconstrução identitária. Neste artigo iremos trabalhar sobre perspectivas de análise da micro-história italiana e como ela é interessante para perceber as minúcias em contextos mais amplos, mas que levam para importantes diferenciações e conseqüentemente novas percepções no interno de assuntos considerados até então como esgotados. Portanto, pretendemos demonstrar como essa racionalidade pode ser analisada em junção com temas distintos, como, por exemplo, a imigração e o uso do *Kitsch*³ na arquitetura, promovida em prol de uma rememoração da imigração italiana por meio de monumentos ou réplicas, no Rio Grande do Sul.

2 O *talian* é um dialeto e assim é denominado porque é a forma como uma língua é realizada em uma região específica, configurando-se, então, como uma variedade linguística. Ele é falado principalmente pelos imigrantes italianos e seus descendentes no Sul do Brasil e consiste na mistura do italiano gramatical com palavras do português brasileiro. A sua história é curiosa: na Itália do século XIX era comum o uso de dialetos, pois o italiano ainda não possuía o *status* de língua oficial. Sendo assim, cada região do país representava uma comunidade linguística, cuja comunicação era específica. Quando italianos de diferentes partes da Itália desembarcaram por aqui, embora provenientes de uma mesma pátria, não falavam todos a mesma língua. Assim, o *talian* é uma variante da língua vêneta (língua do Norte da Itália) e é falado na Região Sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul e em parte de Santa Catarina. Disponível em: <http://portugues.uol.com.br/redacao/talian.html>. Acesso em: 19 abr. 2017.

3 Sem entrar em pormenores da etimologia da palavra alemã, podemos dizer que o substantivo *Kitsch* corresponde a um tipo de fenômeno social e estético cuja genealogia remonta à ascensão e ao enriquecimento dos burgueses, proporcionados pela revolução industrial em meados do século XIX. Se não trazia um puro sangue aristocrata, o burguês procurava, de certa forma, se igualar aos nobres pelo uso indiscriminado e excessivo de decoração, arquitetura e vestuário (WAJNMAN, 2016, p. 116). Ainda podemos antecipar que o *Kitsch* possui diversos graus distintos, mas em nosso trabalho ele se enquadra principalmente no primeiro grau, que remete ao *Kitsch* das réplicas ou cópias de monumentos italianos na cidade brasileira de Serafina Corrêa, RS.

Um pouco sobre micro-história

Mas, afinal, o que é micro-história? Para responder, apresentamos a explicação do historiador Giovanni Levi, considerado um dos fundadores desta proposta de pesquisa.

O que é história? É a ciência das perguntas gerais, porém dos acontecimentos locais – locais não no sentido de localidade – específicos, sendo que cada situação é diferente. Devemos ver o particular, não para falar do local, mas para encontrar perguntas gerais que permitam realizar infinitas contestações. Então, partimos do particular. A micro-história tem sido infeliz porque sugere que estudemos coisas pequenas. Mas não, estudamos coisas grandes com o microscópio. Buscamos saber quantas coisas importantes acontecem quando aparentemente não acontece nada [...]. Partimos do particular, o particular pode ser um quadro de Piero Della Francesca, livro de Ginzburg [...], e Galileu, um livro de Pietro Redondi [...]. Não coisas pequenas, mas observadas com o microscópio, ver coisas que não são imediatamente evidentes. Saímos, então, de um particular. Trabalhamos para buscar perguntas gerais que valham para situações das quais saímos, porém que possam valer em outras situações como perguntas, não como respostas, voltando na sequência aos particulares. Mas somente no sentido de que os particulares são infinitos. O geral é que tem relevância. (LEVI, 2014, p. 247).

A micro-história nasceu na Itália na década de 1970, graças às insatisfações com as produções historiográficas mais generalizantes, que colocavam em evidência os estudos das classes sociais mais abastadas, deixando de examinar as trajetórias dos oprimidos, pobres e camponeses. O desenvolvimento da micro-história italiana se deu em torno da revista *Quaderni Storici*, fundada em Ancona (Itália) por Alberto Caracciolo. Foi nessa revista que os primeiros trabalhos a se aproximarem do que definimos atualmente como micro-história começaram a surgir. Com a transferência da editoração da revista para Bolonha, estudiosos como Carlo Poni, Edoardo Grendi, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi passaram a produzir importantes trabalhos em uma coleção intitulada *Microstorie*.

Algumas características são consideradas fundamentais para identificar os estudos voltados para a micro-história: o enfoque no sujeito, nos indivíduos “comuns”, a redução de escala de análise e a investigação exaustiva das fontes. Além disso, é importante ressaltar que a micro-história deve ser vista como uma nova área nas possibilidades históricas, pois esse olhar diferenciado pode ser cruzado com os mais variados conceitos históricos. Mas é imprescindível não confundir simplesmente como uma história regional, porque, embora o micro-historiador⁴ busque um recorte, a intenção é olhar além daquele espaço. Quando traçamos trajetórias de vidas, a intenção não é fazer uma biografia, mas perceber as características através das particularidades do indivíduo que levarão ao entendimento de um contexto muito mais amplo, que passaria despercebido em uma escala macro de análise. Ou seja, o particular é o ponto de partida, não de chegada, pois são as perguntas realizadas a cada situação que vão permitir a compreensão de contextos mais amplos.

Portanto, algumas características são importantes no contexto da imigração italiana. Para melhor compreensão iremos retomar as particularidades regionais e fronteiriças da Europa, mas que levam a uma complexidade muito além dos significados de rememoração e construção coletiva de uma suposta italianidade no Rio Grande do Sul. Nossa intenção a partir desta reflexão é de que se perceba o quanto

4 Existem diversos historiadores que priorizam os estudos micro-históricos, podemos destacar: Carlo Ginzburg, Carlo Poni, Giovanni Levi, Edoardo Grendi, Chiara Vangelista, Maira Ines Vendrame, Rosane Márcia Neumann, Marcos Antônio Witt, entre outros.

a emigração/imigração italiana carrega diferenciais de cada região, que pouco ou nada são analisados. Geralmente colocamos todos os imigrantes em um único contexto histórico, mas isso leva a inúmeras incoerências historiográficas, que seriam evitadas com análises mais minuciosas – como, por exemplo, o estudo das trajetórias familiares – e com uma metodologia qualitativa das fontes sendo priorizada.

Contexto italiano

A Itália nos séculos XIV e XV era dividida em vários reinos que eram Estados independentes, também chamados de cidades-estados, que guerreavam entre si, visto que durante o período medieval as cidades eram importantes centros mercantis. Dessa forma, a península era dividida e governada por famílias das realezas francesa e austríaca, por nobres italianos e, em parte, pelos Estados Papais, que exerciam forte influência perante a população, além do Reino da Sicília (Casa de Savoia⁵). Nesse sentido, é importante frisarmos que as monarquias também eram, e em alguns casos continuam sendo, sistemas políticos, tendo o monarca como líder do Estado.

Por muito tempo, a Península Itálica enfrentou sérios problemas de divisão territorial e consequentemente de identidade. Não havia uma unidade propriamente dita, pois variavam em cada região, desde as leis que divergiam até o idioma, a moeda e a política. “Importante destacar, desse modo, que a Itália era então conhecida apenas como uma expressão geográfica” (CARNIERI, 2013, p. 24), e não como uma unidade. As disputas por controle comercial e territorial e, consequentemente, por poder e influência eram bastante comuns e significativas, dividindo ainda mais a península. Este fator associado às diversas invasões de outros povos, principalmente em função das fronteiras próximas e domínios de território, transformaram a Itália em um verdadeiro mosaico, com distintas culturas e sentimentos diversos de pertencimento.

Além dos conflitos internos, a Itália lutava contra as invasões francesa e espanhola. Inicialmente foram obrigados à submissão ao reino da Espanha, mas, devido à Guerra da Sucessão Espanhola, a Áustria passou a dominar parte do território italiano. Ainda, por causa das Guerras Napoleônicas, o Norte e o Centro da Itália também foram invadidos. Dessa forma:

A França pós-revolucionária do Diretório, já envolvida em um projeto expansionista napoleônico, invadirá a cidade de Veneza em 1797, dividindo o território do norte da Península Itálica com o Império Austríaco. No período que se segue até o Congresso de Viena (1815), as dominações francesas e austríacas suceder-se-ão na região setentrional italiana, tendo, a figura do invasor, ora a imagem dos departamentos franceses, ora das províncias austríacas. A partir de 1815, o Império Habsburgo consolidar-se-á como força dominante na região, assumindo a administração do norte peninsular até a vitória do projeto de unificação da casa de Savoia, em 1866. (BENEDUZI, 2011, p. 33).

Com o passar dos séculos e a evolução da tecnologia marítima, outras partes da Europa aventuraram-se em alto-mar, focando, entretanto, em cruzar o Atlântico e, assim, competir economicamente com a Itália, que dominava o comércio marítimo no Mediterrâneo. Ao mesmo tempo agravou-se o processo de pauperização da população campestre, e a proximidade fronteiriça favoreceu a intensificação de diversas invasões e a dominação territorial estrangeira, especialmente nas regiões do Norte da Itália. Por conseguinte,

5 O termo Casa de Savoia apresenta algumas variantes, como Casa di Savoia, em italiano, ou em alguns casos Casa de Saboia, adotamos a primeira grafia.

as repúblicas italianas perderam autonomia política, já que as regiões passaram a ser disputadas com maior intensidade, “na verdade, a península se tornou um território colonial das potências Imperiais do continente” (CARNIERI, 2013, p. 26).

Além dos conflitos internos, havia, então, a problemática de controle fronteiriço, ou seja, a Itália não conseguia resolver as disputas territoriais com outros povos, sendo a fronteira sempre palco de disputas. O interesse da Casa de Savoia pela unificação da Itália esteve aliado, entre outras questões, a determinados interesses políticos e econômicos e levou com ênfase à criação de um sistema que abrangeu diversas esferas, com o intuito de propiciar um renascimento nacionalista. Os resultados não foram imediatos, até em função do sentimento de pertencimento regional, mas iniciou-se o processo de ressurgimento das veias históricas, comparando os nascidos em solo italiano com os romanos e seus feitos no passado remoto de vitórias e resistências, trazidos à luz pela burguesia intelectual italiana do século XIX, a fim de assim fomentar o discurso de nação.

Independentemente dos esforços da Itália em promulgar um sentimento nacional, a população das regiões não via suas complexas particularidades representadas, e um contingente de italianos iniciou, pouco tempo após a unificação, uma grande emigração em direção ao Brasil. Esse movimento pode ser entendido em um primeiro momento pelo incentivo italiano na emigração e pela descrença dos camponeses em melhorias socioeconômicas, mesmo após a unificação.

Dessa forma, a população do Vêneto, região do norte da recém-unificada nação, local propício para invasões e composto por diversas influências culturais, encarou com bons olhos a propaganda emigratória para o Brasil. A Europa, nesse período, passava por uma grave crise financeira, o que significa que a emigração ocorreu em várias partes da Itália, mas nosso recorte de estudo se concentra nos emigrantes vênnetos, pois representam a maioria com destino ao Rio Grande do Sul.

Essa grande massa populacional provinha de pequenas províncias italianas, a maioria composta por agricultores que ainda viviam em um sistema arrendatário, pagando pelo uso da terra e devendo inúmeras obrigações aos proprietários dos terrenos. Apesar disso, muitos historiadores italianos consideram que aqueles emigrantes que pagaram pelas próprias passagens de navio para o Brasil e pelas terras adquiridas no Rio Grande do Sul possuíam condições financeiras superiores aos que permaneceram na Itália e aos que emigraram no período em que o governo brasileiro subsidiou as passagens⁶.

Essa situação econômica de muitos dos imigrantes italianos vindos para o Sul do país contradiz a história tradicional escrita no Rio Grande do Sul. Na Europa, os estudos abrangem esse tipo de informação porque são fruto de pesquisas mais detalhadas, voltadas para a análise de trajetórias familiares. Portanto, verificando os dados italianos, é possível compará-los com os registros de entrada dos imigrantes no Brasil e perceber diversos desencontros de informações. Ao observar os locais de partida, constatamos que em pouco ou nada condizem com determinadas construções ditas identitárias no Rio Grande do Sul, vistas principalmente em monumentos ou réplicas italianas, que falham na representação das particularidades provinciais, mas que são usadas como uma homenagem à Itália da época dos emigrantes.

6 Muitos dos italianos que vieram para o Brasil com passagens subsidiadas pelo governo brasileiro se fixaram em São Paulo, onde trabalharam principalmente nas lavouras de café, substituindo gradativamente a mão de obra escrava. Houve também presença significativa de italianos no Espírito Santo, em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e na Bahia. Referimo-nos especificamente a São Paulo como paralelo para diferenciar da imigração verificada no Rio Grande do Sul.

Aspectos colonizadores e ênfases identitárias no Rio Grande do Sul

O maior fluxo emigratório para o Rio Grande do Sul abrange o período entre 1876 e 1901, associado ao frágil quadro econômico e político da Itália e à propaganda emigratória para o Brasil, em que era prometida principalmente terra para os italianos instalados no estado sulista. Porém, os imigrantes que chegaram ao Brasil após o ano de 1854, nesse caso, majoritariamente aqueles saídos da região fronteira do Vêneto, tiveram de pagar pelas terras adquiridas, ainda que, no ano de 1867, tenha sido criado um regulamento que estimulou a emigração mediante algumas vantagens, entre elas, o pagamento da terra em até dez anos, a gratuidade da viagem do Rio de Janeiro até o lote colonial, além de auxílio para os recém-chegados e assistências médica e religiosa por doze anos. Em função do grande número de imigrantes que se direcionou para a região sul, o acordo foi suspenso, manteve-se apenas o crédito para aquisição de terras e 15 dias de trabalho para a abertura de estradas (HERÉDIA, 2001).

[...] pode-se afirmar que a necessidade de intensificação do povoamento nas zonas fronteiriças da Província do Rio Grande do Sul, a estrutura organizada pelo sistema de colonização oficial, concedendo vantagens pelas leis que a precediam, a inexistência de concorrência entre a atividade que se desenvolvia no latifúndio e a que seria desenvolvida na pequena propriedade e a exigência de consumo nos centros urbanos foram elementos que influíram no sucesso da Imigração no Rio Grande do Sul e na consolidação da pequena propriedade rural nesta província. (HERÉDIA, 2001, p. 3).

Os interesses relativos à emigração para o Brasil possuíam características distintas. Em São Paulo, a chegada de imigrantes italianos representava a substituição gradual da mão de obra escrava nas lavouras de café. Já no Rio Grande do Sul, o processo foi colonizatório, ou seja, com o objetivo de formar, em pequenos lotes, colônias agrícolas essenciais para a produção de gêneros alimentícios, além da defesa da fronteira e do “branqueamento” da população. Defendemos que, no período de 1860 até 1900, momento de maior emigração para o Brasil, os imigrantes não se sentiam ligados à Itália, mas à sua província. Esse fator associado à oportunidade de uma nova vida itálica no Rio Grande do Sul fomentou a mescla de novos costumes, dando origem ao que é conhecido atualmente como a cultura do *talian*.

Observa-se que, mesmo atingindo estabilidade econômica no Brasil, os descendentes das famílias italianas cultivam “o amor pela Itália”, destacando nas festas de família as cores da bandeira italiana na decoração, as cantigas e costumes da Itália, como o vinho, e mesclando esses hábitos com o tradicionalismo rio-grandense, como o churrasco e o local das confraternizações, por exemplo, os Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Isso é apenas uma amostra da miscelânea de adaptações de que os imigrantes e seus descendentes fazem uso. Há geralmente, nesses encontros familiares, a bandeira da Itália em evidência, a simbologia específica das províncias e dos locais de partida dos patriarcas italianos das famílias são deixadas de lado. Para o historiador Giovanni Levi (2015, p. 254):

A identidade italiana no Rio Grande do Sul não existe, é uma mescla de loucuras. O problema é que não é a mesma loucura, são muitas loucuras. Se aceitarmos as diferenças vamos fazer a pergunta: Por que alguém faz referência à identidade? Um motivo é para discriminar o outro. Outra pergunta: por que fazer parte de uma identidade? Ela serve para nos diferenciar dos outros, dizendo que somos diferentes.

A busca por uma suposta identidade itálica no Rio Grande do Sul é muito comum e relacionada à herança imaterial transmitida por gerações. Entretanto, mesmo que os imigrantes italianos se identificassem mais com a província do que com o país, o foco central da memória imigrante é a Itália e o sentimento de que, por serem descendentes de italianos, ainda fazem parte da Europa.

Nossa intenção é demonstrar que, apesar de um enaltecimento em relação à cultura italiana, ítalo-gaúcha ou, ainda, do *talian*, pouco há de correspondência com a Itália da época dos nossos antepassados. Criou-se a ilusão de que vivemos no Rio Grande do Sul uma cultura própria da “Grande Itália”, mas os costumes, hábitos alimentares, dialetos, crenças e mesmo determinadas práticas consideradas religiosas são distintos dos observados na atual Itália. A grande emigração proporcionou a oportunidade de reconstrução cultural em um país além-mar, e essa reconstrução iniciou ainda no momento de partida da Europa, durante a convivência estabelecida na viagem, quando, em função das particularidades regionais de cada emigrante, esses sujeitos deram origem a um processo de mistura dialetal e cultural que foi intensificado no Rio Grande do Sul.

Conforme demonstramos, existem diversas lacunas a serem averiguadas ao longo da história da emigração italiana para o Rio Grande do Sul. Traçamos brevemente um quadro sobre alguns dos aspectos que impulsionaram a saída de um grande contingente populacional da Europa com destino ao Rio Grande do Sul e, mais especificamente, à região da serra gaúcha. Apesar de decorrido longo período desde a travessia além-mar, ainda há a preocupação em manter uma suposta identidade italiana em localidades que fizeram parte das primeiras colônias italianas. Alguns investimentos governamentais, tanto do governo brasileiro quanto do italiano, foram lançados, inclusive, para criação de uma espécie de rememoração da italianidade no Rio Grande do Sul. Luís Fernando Beneduzi (2009, p. 42, grifos do autor), em estudos sobre memória e imigração, defende que

[...] as dinâmicas de preservação da “italianidade” na serra gaúcha são parte de uma necessidade nostálgica de reviver o passado. Mesmo que desterritorializado e atemporal, os descendentes dos imigrantes criaram vínculos através de fragmentos do real acontecido, produzindo a verossimilhança e uma representação de como tudo se passou um dia.

Além dessa perpetuação da italianidade, existe, na construção da identidade dos descendentes de imigrantes, a necessidade, por parte de muitos, de uma afirmação da identidade gaúcha, ou seja, criou-se uma mistura de identificações. Conforme exemplifica Ruben Oliven (2006, p. 149),

Ao voltarem para a Itália, os descendentes de italianos fazem questão de afirmar seu lado gaúcho. Assim, quando houve a cerimônia oficializando que o Rio Grande do Sul e a região do Vêneto se tornaram regiões-irmãs, o CTG Galpão da Saudade de Serafina Corrêa, cidade na área de colonização italiana no Rio Grande do Sul, esteve presente para apresentar o folclore gaúcho. Ao chegarem, os integrantes do CTG decidiram apresentar danças gaúchas em plena praça de San Marcos no coração de Veneza. Interpelados pela polícia italiana que, tentando impedir a apresentação, pediu seus documentos de identidade, o líder deles começou a gritar os sobrenomes que eram todos de origem italiana e disse: “depois de 125 anos de ausência, vocês não podem nos mandar de volta, por isso nós dançaremos.

Mesmo após tantos anos, na parte Sul do Brasil, ainda existe uma espécie de manutenção de uma identidade dita italiana. A historiadora Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, em estudo detalhado sobre os monumentos em prol da imigração italiana nas cidades de Buenos Aires, Argentina, e Caxias do Sul, Brasil, observou que, enquanto em Buenos Aires, com o passar das gerações e em função de interesses governamentais contraditórios, o principal monumento a Cristóvão Colombo, construído em referência aos imigrantes italianos na Argentina, foi retirado do local de origem⁷ e, até o momento de publicação do estudo, deixado em abandono, o Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul, “mantém viva

7 Esses monumentos ocupam áreas urbanas centrais da cidade, como praças, avenidas e ruas, muitas vezes construídas em prol desse objetivo.

a sua memória histórica na representação do monumento e a traz constantemente atualizada quer pela comunidade imigrante quer pelas autoridades da cidade” (RAMOS, 2017, p. 247).

Portanto, existe no Rio Grande do Sul uma preocupação em manter ativa a memória imigrante, mas aos estudiosos da imigração essa onda de retomada das raízes históricas provoca o interesse em estudos mais aprofundados, pois a maioria dos italianos instalados no país não costumava falar de uma única Itália de partida. Conforme aponta Maria Catarina Chitolina Zanini (2007, p. 536).

Há de se observar que, ao saírem aqueles migrantes da Itália, esta havia se unificado há pouco e, de fato, não possuía enquanto nação um sentimento comum de pertencimento. Lorenzoni narra que, no vapor em que veio para o Brasil em 1877, o que se ouvia era uma mistura de vários dialetos, muitos dos quais ele nada compreendia. Enfim, eram pessoas culturalmente diversas que, na situação de partida, tornaram-se genericamente italianos. Na Itália havia rivalidades entre as localidades, e a aparente noção de homogeneidade cultural se daria no Brasil, quando de emigrados italianos passariam a imigrantes italianos e, depois, a colonos proprietários.

Luís Fernando Beneduzi (2009, p. 43) destaca: “Muitas vezes, entretanto, como em um momento de memória involuntária, o passado pode ser ressuscitado, trazendo – inclusive – vivências e relacionamentos que se gostaria de manter enterrados, pois ainda nos causam dor”. A italianidade positiva gaúcha pode ter se fortalecido da tentativa de nacionalismo imposta por Getúlio Vargas ou em função da Segunda Guerra Mundial e da posição do Brasil nesse conflito, já que

A construção de uma identidade positiva foi um processo que se consolidou nas últimas décadas do século passado. Isto porque, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os italianos, em nível nacional e local, passaram por momentos difíceis, visto o Brasil ter se agrupado em 1942 aos Aliados, lutando contra o Eixo formado pela Alemanha, Japão e Itália. Durante esse período, os imigrantes destes países de origem e seus descendentes foram tidos como “perigos nacionais”, havendo forte repressão e perseguições, o que promoveu uma autoimagem depreciativa da italianidade que passou por gerações. (ZANINI, 2007, p. 523, grifos do autor).

Giralda Seyferth (1997, p. 22) defende que essa desnacionalização indicava “uma mudança de mentalidades e dos significados simbólicos atrelados a nacionalismos estranhos”. Portanto, uma onda de afeições e memórias italianas ganhou força entre os descendentes já na primeira ou segunda geração no Brasil. É interessante observar como posicionamentos políticos autoritários podem levar a uma construção de artifícios para uma suposta identidade estrangeira.

Entre os enaltecimentos das origens antepassadas, encontram-se os monumentos e réplicas de grandes centros europeus que, em pouco ou nada, se referem às províncias de origem dos imigrantes italianos.

O tempo escorre em uma velocidade sempre crescente, e o ser humano busca diminuir seu ritmo, se possível pará-lo, elaborando uma nova relação entre passado, presente e futuro, a partir da produção de ruínas. Essa situação de desestruturação de relações de sociabilidade e sensibilidade vinculadas a um mundo ancestral ocasiona uma necessidade permanente de reevocação da tradição e de preservação de restos desse mundo que vive enquanto representação. (BENEDUZI, 2009, p. 47).

Na tentativa de reviver um passado estranho às gerações de descendentes, criam-se trampolins que promovam alguma identificação familiar com as raízes europeias, exemplos disso encontramos nas construções da cidade de Serafina Corrêa. Nossa colocação sobre o assunto não remete a uma crítica pessoal acerca dos monumentos e réplicas construídos nem às gestões políticas da cidade, mas à necessidade de uma averiguação mais detalhada desse contexto com o olhar e a obrigação de historiador. Nossa intenção

é de que, por meio de uma análise mais cautelosa, se possa abrir campo para muitos outros estudos ligados ao contexto migratório, principalmente dando ênfase ao embasamento micro-histórico e a estudos ligados à arquitetura.

As representações da italianidade e o *Kitsch* em Serafina Corrêa

Em nossa análise, destaca-se o terceiro período de colonização no Rio Grande do Sul com a fundação da Colônia Guaporé, consagrada em 1892 colônia oficial, da qual fazia parte a atual cidade de Serafina Corrêa, local que é o palco desta reflexão sobre réplicas em homenagem a imigração italiana.

No início da década de 1890, com a constituição do núcleo de Guaporé, estradas foram abertas, ligando Encantado, Passo Fundo, Lagoa Vermelha e Alfredo Chaves. Em 1892, a Colônia Guaporé já apresentava uma população de sete mil pessoas, o que significa que já era um centro dinamizador e irradiador de vida econômica e social pela região da Encosta da Serra e, especificamente do Alto Taquari. Em 1903, Guaporé foi elevada de núcleo colonial à Vila e sede do[s] futuro[s] município[s] de Casca (São Luís de Guaporé), Muçum (General Osório) e Serafina Corrêa. (TEDESCO; BALBINOT, 2015, p. 54).

Guaporé foi constituída no ano de 1892, com territórios pertencentes aos municípios de Lajeado e Passo Fundo. Em 21 de julho de 1933, foi elevada à categoria de comarca e em 31 de março de 1938, através do Decreto nº 7.199, à categoria de cidade. A colonização da localidade foi iniciada com a divisão do território em 5 mil lotes com extensão de 250 mil a 300 mil metros quadrados, ocupados principalmente por colonos provenientes das primeiras colônias cedidas para a ocupação de imigrantes italianos. Entre as linhas de Guaporé, encontrava-se a linha Serafina Corrêa, mais conhecida como povoado de Dona Fifina Corrêa. Em 22 de julho de 1960, a Lei nº 3.932 criou o município de Serafina Corrêa⁸, constituído também pelos territórios de Montauri e de parte de Vila Oeste, pertencentes a Guaporé, e de parte do distrito Evangelista.

O município ainda é composto majoritariamente por descendentes de italianos, cujos patriarcas provinham de região fronteira do Vêneto. Apesar de a maioria dos imigrantes ter adquirido terra e superado as dificuldades imigratórias, muitos eram semianalfabetos ou analfabetos e camponeses que vinham de um sistema arrendatário de terras. Esses italianos, em função das migrações internas em busca de trabalho na Europa, provavelmente conheciam centros maiores, como Verona, mas o seu contexto estava relacionado principalmente aos costumes e ao cotidiano da vida campesina. Já os monumentos construídos em Serafina Corrêa não retomam uma espécie de identificação com esse cenário. A escolha das réplicas construídas em Serafina Corrêa priorizou a região vêneta, mas não considerou particularidades provincianas.

Historicamente, quando tratamos de cópias arquitetônicas, percebemos indícios de modernidade.

Por mais semelhante que a cópia possa ser do objeto original, permanece ao menos uma diferença: o segundo constitui-se em uma reprodução do primeiro. Embora produza uma relação de verossimilhança com o indivíduo pré-existente, o que resulta dessa aproximação com o real é um processo de elaboração de uma representação do original [...]. Neste sentido, percebe-se uma leitura da modernidade como construtora da padronização e – ao mesmo tempo – da diferença, pois ambas fazem parte da dinâmica dos processos de modernização. (BENEDUZI, 2009, p. 46).

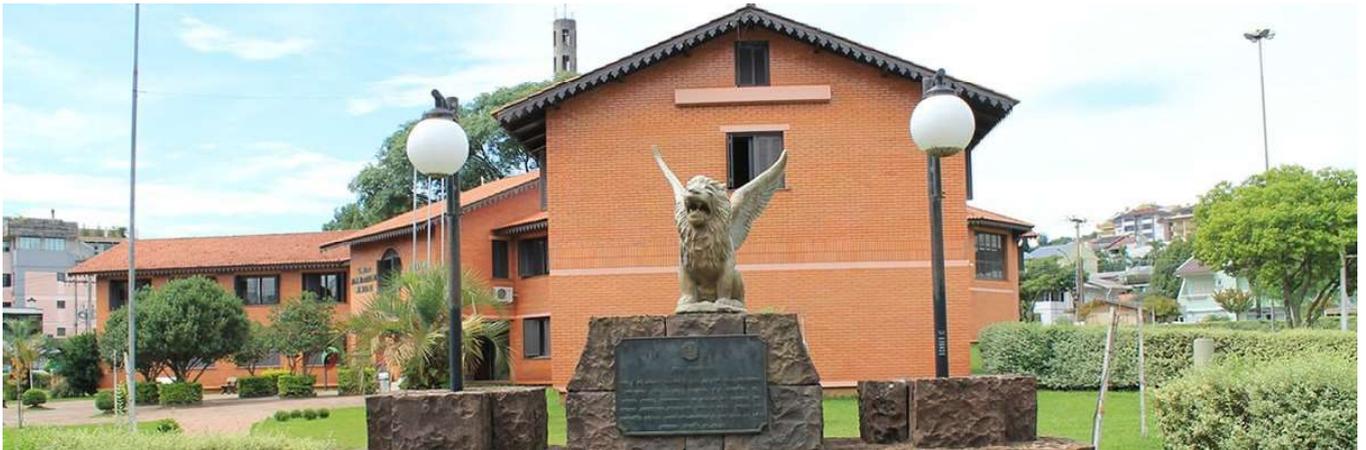
8 Entre as 22 linhas da colônia Guaporé, a linha 11, anos depois, se tornou o município de Serafina Corrêa. O Decreto Estadual nº 7.199, de 31 de março de 1938, elevou o povoado Dona Fifina à categoria de vila. Conforme divisão territorial datada de 1988, o município é constituído de dois distritos: Serafina Corrêa e Silva Jardim. Disponível em: <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/>. Acesso em: 24 jul. 2019.

Nesse sentido, deparamo-nos esteticamente com o surgimento do *Kitsch*. Gerson Luís Trombetta (2015, p. 441, grifos do autor) explica que:

O processo de industrialização, a partir da segunda metade do século XIX, alterou significativamente o panorama estético do ocidente. Além de impulsionar a produção artística na direção de novas possibilidades formais e oferecer novos aparatos técnicos (como a fotografia e o cinema), tal processo ampliou o acesso aos bens culturais. O consumo de tais bens, antes restrito à aristocracia e a iniciados, expandiu-se como nunca. Dentre as consequências dessa democratização está o Kitsch. Os novos receptores da sociedade industrial, tentando imitar o glamour da aristocracia, procuravam no produto falso, parecido e acessível, o mesmo “poder” do original. Para o consumidor, a sedução do Kitsch se encontra nessa ilusão de compartilhar os efeitos atraentes da arte, como um eco das suas promessas de felicidade.

Os monumentos da cidade de Serafina Corrêa analisados são réplicas diretas, ou seja, cópias de construções que já existem, como, por exemplo, o Leão Alado de São Marcos (Figura 1), que é um símbolo do Vêneto, antiga República de Veneza. A placa fixada no bloco à esquerda do monumento traz a seguinte descrição: “Aqui a homenagem do povo serafinense aos primeiros imigrantes que, ingressando em meio a uma terra adversa e desconhecida, plantaram a esperança, regaram com trabalho e colheram a glória, deixando a seus filhos a honra de ser serafinense. A vós o reconhecimento da nossa gente”⁹.

Figura 1 – Leão Alado de São Marcos¹⁰



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa¹¹.

Essa e outras réplicas localizam-se na rua batizada de Via Gênova. Serafina Corrêa também é palco da Festitália¹², festividade relacionada à imigração italiana. Tedesco e Rossetto (2007, p. 85) explicam que:

As comemorações e os monumentos de memória auxiliam, bem ou mal, na formação de uma identidade individual, no sentido coletivo de pertencimento. Seu valor está em representar a identidade de determinado grupo, cidade, nação, etnia, agrupamento cultural, de determinado evento, ou período histórico ao qual pertenceu.

⁹ Disponível em: <http://www2.serafinacorrea.rs.gov.br/marco-inaugural>. Acesso em: 24 jul. 2019.

¹⁰ O Leão de São Marcos, Leon de San Marco (em vêneto) ou Leone di San Marco (em italiano) é uma representação simbólica do evangelista São Marcos, retratado na forma de um leão alado. É um dos elementos mais conhecidos da iconografia cristã, é o símbolo da cidade de Veneza e foi o símbolo da antiga República de Veneza. Está também presente nas bandeiras das marinhas mercantes e de guerra da Itália, da região do Vêneto e da província de Veneza.

¹¹ Disponível em: <http://www2.serafinacorrea.rs.gov.br/marco-inaugural>. Acesso em: 24 jul. 2019.

¹² Para aprofundar o assunto, consultar *Memória e cultura étnica: a Festitália de Serafina Corrêa-RS* (ROSSETTO, 2005).

Em função da colonização italiana na região e do alto número de descendentes dos primeiros imigrantes, a maior parte da população de Serafina Corrêa ainda apresenta uma determinada identificação supostamente italiana, entretanto, conforme exemplificamos, desde o início da emigração e a unificação italiana oficial em 1870 até a atualidade, muitas alterações territoriais, linguísticas, políticas e conceituais ocorreram na Itália. Portanto, a identificação descrita talvez remeta a uma Itália que não existe mais nos tempos modernos. E, embora as réplicas construídas no município façam referência a famosas construções da região urbana do Vêneto, a maioria dos italianos instalados no Rio Grande do Sul eram agricultores, principalmente em função das exigências do governo para colonização de terras, conforme demonstramos ao apontar as leis referentes à colonização no estado.

[...] a cidade de Serafina Corrêa apresenta uma rua chamada de “Via Gênova”, com construções típicas de um dito “patrimônio histórico e cultural de italianos na Itália”, como é o caso da La Rotonda, do Castello di Marostica, da Casa de Giuglietta, da Nave degli Imigranti, dentre outros. Essa última é a mais significativa e ritualizada pelos descendentes nos festejos comunitários, demonstra a mãe com o filho nos braços significando a missão sagrada da mulher, fazendo de seu seio o pedestal grandioso da vida, a maternidade e a perpetuação da descendência, compõe, também, os ventos alísios, os quais representam as correntes marítimas da zona equatorial atlântica que impulsiona a nave. (TEDESCO; ROSSETTO, 2007, p. 85, grifos dos autores).

Na Figura 2, observamos o *Castello Inferiore di Marostica*, onde está estabelecido um comércio de bebidas 24 horas.

Figura 2 – *Castello Inferiore di Marostica*



Fonte: autora, julho de 2019.

Estas réplicas foram construídas a partir de uma espécie de identificação que liga ao rememorar de uma Itália longínqua e também são fruto de interesses econômicos do município, que é reconhecido como região-irmã do Vêneto. Caracterizando estas réplicas como arquitetura *Kitsch*, concordamos com Trombetta (2015, p. 446):

A hipótese é que o Kitsch aparece como marca de identidade, como uma estratégia para estabelecer contrastes em relação ao ambiente urbano, elaborando um ambiente agradável e belo segundo as percepções do próprio usuário. O Kitsch, apesar de todos os interesses econômicos que orbitam ao seu redor, pode abrir clareiras para compreender as relações que o ser humano constrói com o espaço onde vive [...]. Compreendido assim, o Kitsch posiciona-se como elemento de transgressão, de modo especial contra os princípios da arquitetura funcionalista.

No *Castello Inferiore di Marostica* também costuma funcionar um restaurante e um bar abertos ao público. No passado, já abrigou um *pub* e também um salão de festas. O *Castello Inferiore di Marostica* é um dos estabelecimentos do trio formado pela *Casa di Romeo* e pela *Casa di Giulietta*.

Figura 3 – *Casa di Romeo*



Fonte: autora, agosto de 2019.

Na Figura 3, observamos a *Casa di Romeo*. Inaugurada em 14 de outubro de 1995, atualmente abriga uma loja de colchões da marca Ortobom. Essas réplicas localizam-se próximas à prefeitura municipal.

Na obra *Festas e saberes: artesanato, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul* (2007), Tedesco e Rossetto retomam o posicionamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (Iphae), representado pelo arquiteto Renato Mathias, publicado em 06 de janeiro de 1999, acerca dos monumentos serafinenses:

Não é papel do Estado a promoção de culturas alienígenas. Ao fazer réplicas de edificações de Estados que se formaram durante mais de 2000 anos de história da civilização da Península Itálica, está se fazendo uma apologia de uma cultura muito anterior à formação do Estado Italiano e da geração de imigrantes que vieram para cá. (IPHAE, 1999 apud TEDESCO; ROSSETTO, 2007, p. 87).

Ainda no contexto da história cultural e arquitetônica no Rio Grande do Sul, o representante do Iphae destaca: “Está ali mesmo, em Serafina Corrêa, nas ruas, nas casas, nas formas e soluções trazidas da região do Vêneto e na riqueza das soluções de adaptações ao novo meio, nas cantinas, na gastronomia, [no] jogo de mora, etc.” (IPHAE, 1999 apud TEDESCO; ROSSETTO, 2007, p. 87).

O discurso do representante Iphae, que contraria a construção das réplicas, acontece em função do projeto da Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa, Processo nº 723, de 1998, que justifica a implementação das obras não visando a um ideal de qualidade arquitetônica, mas à presença de elementos significativos da cultura local (TEDESCO; ROSSETTO, 2007). Por meio de projetos municipais, consolidou-se a construção da Via Gênova, nome dado em função de a maioria dos imigrantes italianos ter partido do Porto de Gênova, localizado na Ligúria, Itália. Retomando os estilos das réplicas de Serafina Corrêa dentro de uma arquitetura *Kitsch*, Solange Wajnman (2016, p. 122) ressalta que o *Kitsch* se encaixa como resultado de uma rede de conexões, rompendo com um sentido único do termo:

É dentro desta rede de conexões que o Kitsch se encaixa como resultado. O que é chamado de Kitsch hoje retoma não somente o passado, mas [também] mistura todos os tempos: o passado, o presente e o futuro. Não podemos mais considerar como mero Kitsch revival, mas como uma justaposição louca que quebra a possibilidade de um sentido único.

Retomando Umberto Eco (2011 *apud* OLIVEIRA; MONIOS, 2013), Oliveira e Monios (2013, 344) observam que

[...] a categoria Kitsch é compatível com a definição de mau gosto, em arte, como pré-fabricação e imposição do efeito. Pré-fabricação porque parte-se de uma elaboração artística, imitando-a e dotando-a de características próprias. Imposição do efeito porque induz à fruição equivocada, reforçando o estímulo sentimental.

Em nosso recorte, é possível unir as peças de construções arquitetônicas (réplicas) enquadrando-as em um estilo que podemos chamar de *Kitsch* em primeiro grau, além da presença do fator sentimentalista de uma determinada cultura herdada de um local alémmar. Sabemos que o *Kitsch* tem origem na modernidade e nos aspectos que possibilitaram a outras classes sociais o acesso a objetos antes ao alcance apenas de classes mais abastadas. Vale ainda fazer uma ponte de reflexão sobre as características de réplicas construídas em um país formado principalmente por imigrantes, em que a maioria de seus descendentes não conhece a terra de partida dos antepassados.

No Rio Grande do Sul, para alguns indivíduos, é fundamental manter características que gerem artifícios de identidade, como os monumentos e réplicas do local de partida dos antepassados. Não estamos entendendo isso como necessariamente negativo, mas constatando que faltam estudos, pesquisas e aprofundamentos históricos para haver melhor compreensão acerca do ponto de partida dos imigrantes. Talvez o que não fique claro para as pessoas que não compartilham desse cenário é que os aspectos enaltecidos no Rio Grande do Sul digam respeito a uma italianidade miscigenada com, por exemplo, a cultura gaúcha, pois, determinadas réplicas, ao mesmo tempo que remetem à europeização, deixam a desejar em aspectos culturais multifacetados. Nesse sentido, concordamos com Koons (2007 *apud* WAGNER, 2016, p. 74), que defende a valorização daquilo que se conhece:

[...] o público precisa seguir sua própria história para continuar a se desenvolver [...], no lugar de tentar encontrar uma cultura que só exclui. Dessa forma, deve o público reagir ou acreditar em coisas que realmente experimentaram, em sua própria história, como tal, o que realmente é.

Seguindo a análise, além da Festitália, existem no município muitos outros eventos que remetem a uma determinada italianidade, por exemplo, os *filós* promovidos pela sociedade, em que se encontra geralmente um significativo público para comer, beber, socializar e rememorar os contos dos antepassados. Serafina Corrêa promove também a Festipizza, que novamente remete a população regional a aspectos culturais e gastronômicos fortemente ligados à Itália.

Na Figura 4, observamos a *Casa di Giulietta*, inaugurada em dezembro de 1995.

Figura 4 – *Casa di Giulietta*



Fonte: autora, agosto de 2019.

A *Casa di Giulietta* funciona como ponto de encontros para festas, é uma casa noturna que reúne principalmente jovens de vários municípios próximos. A Figura 5 apresenta a construção conhecida como *La Rotonda*.

Figura 5 – *La Rotonda*



Fonte: autora, agosto de 2019.

Na imagem, chama atenção o fato de, apesar de a réplica ser uma homenagem à Itália, localizar-se na Rua Castelo Branco, personalidade que foi presidente do Brasil. O estabelecimento não é destinado para eventos voltados propriamente à cultura italiana no Rio Grande do Sul. O local abriga uma clínica dermatológica e estética e uma loja de decoração. Proprietários de escritórios, casas noturnas, bares, restaurantes, lojas e afins costumam alugar essas edificações, cujo intuito de construção foi voltado para uma retomada de raízes históricas.

A réplica *Il Colosseo* (Figura 6) abriga a Câmara de Vereadores de Serafina Corrêa.

Figura 6 – *Il Colosseo*



Fonte: autora, agosto de 2019.

No local, há uma placa com os dizeres: “*Il Colosseo: centro municipal de cultura Cida Franciosi. Administração 2013/2016*”, ou seja, além da homenagem à identidade italiana, também busca saudar pessoas que foram importantes para a localidade.

A construção apresentada na Figura 7, diferentemente das anteriores, não se enquadra como réplica, mas como um monumento em homenagem aos imigrantes. A interpretação proposta pela Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa para o monumento é a seguinte:

É a expressão ímpar da coragem, da beleza e da história construída pelas pessoas que aportaram no Brasil, fazendo deste lugar sua nova pátria [...]. Representando a vinda histórica dos imigrantes italianos nos navios, La Nave, homenageia e destaca a bravura e o significado da imigração e da construção do Estado do Rio Grande do Sul [...]. A Guerreira Amazona postada sobre o Globo Terrestre nos transmite a ideia da expansão cultural italiana, especialmente dos imigrantes que emigraram para o Brasil. A Guerreira significa a Península Itálica conflitada pelas

paixões políticas, coberta pelas glórias e sofrida pelos temores das guerras. Outro elemento é a Mãe com o filho nos braços, mostrando a missão sagrada de mulher, gerando vidas e dando continuidade às gerações e à história de muitas lutas e conquistas. A mulher, seio da vida, representa a maternidade e a continuidade da descendência. Os Ventos Alísios e as correntes marítimas da zona equatorial atlântica representam a força, o clima e o tempo que impulsionam a Nave. As figuras humanas representam a força do homem que aqui aportou, fabricando suas ferramentas, dando origem às conquistas hoje comemoradas da indústria, da metalurgia, da agricultura e da pecuária. A figura alada, à proa, simboliza o tempo que voa para o infinito, rumo à eternidade¹³.

Figura 7 – *La Nave degli Imigranti*¹⁴



Fonte: Prefeitura Municipal de Serafina Corrêa¹⁵.

Mesmo ilustrando outros elementos, como a guerreira amazona, o enfoque está no apogeu de glórias e vitórias da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Assim como ocorre nos álbuns comemorativos dos aniversários da imigração no estado, apenas vitórias e histórias de sucesso são representadas nos monumentos. Nesse sentido, as réplicas destacam construções que remetem às abastadas classes sociais italianas, basta, por exemplo, sem maiores aprofundamentos, conhecer o contexto histórico das famílias de Romeo e Giulietta. Seguindo nessa linha de raciocínio, Tedesco e Rossetto (2007, p. 89) questionam:

Como mostrar a história dos imigrantes italianos no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Serafina Corrêa, com a sua dramática trajetória, em prédios de elite italiana? A Via Gênova é o símbolo de recusa, da negação da verdadeira identidade cultural da imigração italiana de Serafina Corrêa. A inculcação de ideias dá-se principalmente quando se quer forçar uma determinada situação em nome de interesses que, em geral, não são bem explícitos. Cita-se aqui o projeto “Via Gênova”, processo 724/98 – SEC -, onde consta que Serafina Corrêa é identificada como capital da Cultura Italiana no País. A Festitália contempla isso tudo, desse modo, orienta a memória do tempo com caráter ufanista e uma proposta, em grande parte, irreal.

De fato, alguns pontos na apologia à epopeia imigrante no estado entram em desacordos. Ao mesmo tempo que existe um caráter cultural voltado para a saga de sofrimentos e do cotidiano agrícola

13 Disponível em: <http://www2.serafinacorrea.rs.gov.br/marco-inaugural>. Acesso em: 24 jul. 2019.

14 *La Nave degli Imigranti* é de autoria de Paulo Batista de Siqueira, que nasceu em 26 de julho de 1949, em Soledade, RS. O artista plástico dedicou-se à pintura e à escultura e foi paisagista e ceramista. Na escultura, costumava utilizar sucata como matéria-prima, criando obras originais, somando mais de 60 monumentos espalhados entre Brasil, Argentina e Paraguai. Paulo Batista de Siqueira morreu em 30 de julho de 1996. Disponível em: <http://www2.serafinacorrea.rs.gov.br/marco-inaugural>. Acesso em: 24 jul. 2019.

15 Disponível em: <http://www2.serafinacorrea.rs.gov.br/marco-inaugural>. Acesso em: 24 jul. 2019.

que reconstroem a história da colonização, encontramos homenagens à imigração que remetem às classes italianas com alto padrão social. Portanto, se por um lado toda intenção é válida para um lembrar de raízes históricas, por outro lado muitas lacunas e incoerências ficam pelo caminho.

Destacamos ainda que os monumentos foram construídos sobre o arroio Feijão Cru, que atravessa o município de Serafina Corrêa e cuja história, segundo a memória popular local, é a seguinte:

O Arroio Feijão Cru passa, de fato, onde o Sr. Orestes Assoni e amigos acamparam, perto de um rio, fizeram fogo de chão e colocaram feijão para cozinhar. Saíram para cortar o mato e quando voltaram, mortos de fome, o fogo havia apagado, mas a fome era tão grande que acabaram comendo o feijão cru mesmo! Foram embora e dali há um tempo perguntaram: “– Aonde vamos parar?”. E daí a resposta: “– Lándoe ghemio manga el Feijão Cru”¹⁶.

Entendemos que esse relato, exemplificando apenas uma das milhares de histórias sobre a maioria das trajetórias dos imigrantes no estado, expressa aquilo que pretendemos com esta análise: ao mesmo tempo que as construções abordadas foram feitas em prol de uma memória equivocada imigracionista, talvez seja esse o fator fundamental que mostre o teor da imigração. O arroio Feijão Cru guarda aquilo que é o mais importante da reconstrução de um lembrar da maioria dos imigrantes italianos: a derrubada da mata, os poucos alimentos disponíveis inicialmente e o sofrimento decorrente da falta de estrutura para receber os imigrantes no Rio Grande do Sul.

Considerações finais

Desde a imigração em massa de italianos para o Rio Grande do Sul, o contexto europeu, nos sentidos político, territorial e conseqüentemente cultural, sofreu diversas alterações, mas, na parte Sul do Brasil, ainda existe um forte resgate da identidade italiana. Portanto, nossa intenção foi demonstrar que esse enaltecimento a aspectos que relembram a cultura italiana trazida pelos imigrantes, em alguns pontos, se distancia daquilo que realmente foi a história da imigração e das trajetórias de vida desses sujeitos.

Dessa forma, não pretendemos desconsiderar as tentativas de um lembrar imigrantista, mas, ao contrário, demonstrar como algumas questões históricas, porque não foram analisadas de um ponto de vista mais minucioso, deixaram lacunas.

Buscamos esclarecer que as réplicas das construções italianas encaixam-se em estudos voltados para a arquitetura, como o *Kitsch*. Esse movimento pode ser aproveitado desde análises históricas, ligando assuntos referentes ao amplo e complexo contexto emigratório, até análises voltadas para a micro-história italiana. Por conseguinte, esses aspectos culturais podem ser abordados por diversas áreas, o que os torna ainda mais interessantes.

Outro ponto de discussão foram as misturas culturais. Na serra gaúcha, ao mesmo tempo que se verifica uma suposta identidade étnica cultural italiana, esta engloba tradicionalismos, como é o caso dos CTG. Isso nos leva a reflexão sobre como nossa cultura é multifacetada, apesar de não se dar a devida atenção a tais fatores.

As edificações em Serafina Corrêa, que foram construídas com o intuito de homenagear os colonizadores da região, atualmente abrigam lojas, centros estéticos, consultório médico ou casas noturnas,

16 Disponível em: <http://www.serafinacorrea.rs.gov.br/via-genova>. Acesso em: 23 ago. 2019.

em vez de serem reservadas para eventos que remetam a homenagens à Europa. Acreditamos que todo o rememorar cultural de cada etnia que costura o Brasil é válido, mas deveríamos dar mais ênfase aos artifícios que levam a determinadas identidades culturais e ao significado disso para as diferentes regiões do nosso país.

Referências bibliográficas

BENEDUZI, Luís Fernando. **Os fios da nostalgia**: perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

BENEDUZI, Luís Fernando. Caminhos de memória: uma análise de percursos de italianidade no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 40-55, jan./jun. 2009.

CARNIERI, Christopher Augusto. **A italianidade em movimento**: travessias e olhares. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/32138/R%20-%20D%20-%20CHRISTOPHER%20AUGUSTO%20CARNIERI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 jul. 2019.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Scripta Nova**, Barcelona, n. 94, v. 10, p. 1-12 ago. 2001. Disponível em: www.ub.edu/geocrit/sn-94-10-htm. Acesso em: 19 fev. 2017.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, Niterói v. 20, p. 1-20, 2014.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. In: VENDRAME, Máira Ines et al. (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 246-262.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; MONIOS, Mathias Joseph. Transgressão na arquitetura popular. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 6., Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, FAV, 2013. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5954>. Acesso em: 25 jul. 2019.

OLIVEN. Ruben George. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes: 2006.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. As cidades e seus monumentos: um estudo sobre a imigração italiana em Buenos Aires e Caxias do Sul (1910-1954-2016). **Almanack, Guarulhos**, n. 17, p. 224-227, dez. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-46332017000300224&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 jul. 2019.

ROSSETTO, Valter. **Memória e cultura étnica**: a Festália de Serafina Corrêa-RS. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100004. Acesso em: 25 jul. 2019.

TEDESCO, João Carlos; BALBINOT, Giovanni. **Comércio, carretas e trapiches**: a colônia de Guaporé e o porto de Muçum 1892-1940. Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. **Festas e saberes**: artesanato, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.

TROMBETTA, Gerson Luís. Entre a lágrima e a transgressão: a ambiguidade do Kitsch no projeto moderno da arte e da arquitetura. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 15, n. 2, p. 441-450, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/5651/3608>. Acesso em: 25 jul. 2019.

WAGNER, Christiane. Kitsch, reminiscências estéticas e Jeff Koons. **Revista Visuais**, Unicamp, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 65-79, set. 2016.

WAJNMAN, Solange. Ética e estética do Kitsch: subsídios para o estudo do gosto popular na experiência contemporânea. **Sessão do Imaginário**, Porto Alegre, v. 21, n. 36, p. 115-125, 2016.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 521-547, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n2/09.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2019.

Recebido em 17/07/2020.

Aceito em 23/08/2020.